

ENTRE CORES E TERRITÓRIOS: CONTRIBUIÇÕES INTERDISCIPLINARES DA ARTE E DA GEOGRAFIA PARA A FORMAÇÃO CRÍTICA E SENSÍVEL DE ESTUDANTES

Domingo Eduardo Nascimento Viana

Mestrando. Veni Creator Christian University.

<https://orcid.org/0009-0009-1687-3520>

E-mail: eduardonvg@gmail.com

DOI-Geral: <http://dx.doi.org/10.47538/RA-2025.V4N4>

DOI-Individual: <http://dx.doi.org/10.47538/RA-2025.V4N4-27>

RESUMO: Este artigo discute as potencialidades pedagógicas do diálogo entre Arte e Geografia na educação básica, com foco na Amazônia Paraense. Partindo da concepção de paisagem como construção cultural e do território como espaço de vivências, defende-se que as linguagens artísticas — desenho, pintura, colagem, fotografia e assemblagem — operam como mediações estéticas para ler, sentir e reinterpretar o espaço geográfico. O referencial articula a Abordagem Triangular de Ana Mae Barbosa (produção, fruição e contextualização) às contribuições da Geografia escolar para o desenvolvimento do pensamento espacial, da consciência socioambiental e da identidade cultural. Metodologicamente, trata-se de revisão bibliográfica com exemplificação didática: “mapas afetivos” do lugar, releituras de paisagens amazônicas, coleções visuais de territórios urbanos e intervenções poéticas sobre problemas socioambientais. Argumenta-se que a integração entre Arte e Geografia favorece aprendizagens cognitivas, socioemocionais e éticas, aproximando o currículo da experiência do aluno, em consonância com a BNCC. Os resultados indicam que práticas interdisciplinares ampliam repertório estético, promovem leitura crítica do território e fortalecem pertencimento e responsabilidade com o ambiente. Conclui-se propondo caminhos de implementação em sala de aula, com rubricas avaliativas e sugestões de continuidade para pesquisa e formação docente.

PALAVRAS-CHAVE: Arte-educação. Geografia escolar. Paisagem; Território. Abordagem Triangular. Interdisciplinaridade. BNCC. Amazônia Paraense. Educação socioambiental.

BETWEEN COLORS AND TERRITORIES: INTERDISCIPLINARY CONTRIBUTIONS OF ART AND GEOGRAPHY TO THE CRITICAL AND SENSITIVE EDUCATION OF STUDENTS

ABSTRACT: This article discusses the pedagogical potential of the dialogue between Art and Geography in basic education, focusing on the Amazon region of Pará. Starting from the conception of landscape as a cultural construction and territory as a space of experiences, it argues that artistic languages—drawing, painting, collage, photography, and assemblage—operate as aesthetic mediations for reading, feeling, and reinterpreting geographic space. The framework articulates Ana Mae Barbosa's Triangular Approach (production, enjoyment, and contextualization) with the contributions of school Geography to the development of spatial thinking, socio-environmental awareness, and

cultural identity. Methodologically, this is a literature review with didactic examples: "affective maps" of place, reinterpretations of Amazonian landscapes, visual collections of urban territories, and poetic interventions on socio-environmental problems. It argues that the integration of Art and Geography fosters cognitive, socio-emotional, and ethical learning, bringing the curriculum closer to the student's experience, in line with the BNCC (Brazilian National Curriculum). The results indicate that interdisciplinary practices broaden aesthetic repertoire, promote critical reading of the territory, and strengthen belonging and responsibility towards the environment. The conclusion proposes pathways for classroom implementation, with evaluative rubrics and suggestions for continued research and teacher training.

KEYWORDS: Art education. School geography. Landscape; Territory. Triangular approach. Interdisciplinarity. BNCC (National Common Core Curriculum). Amazon region of Pará. Socio-environmental education.

INTRODUÇÃO

A educação contemporânea tem sido desafiada a integrar diferentes campos do conhecimento de forma significativa, promovendo aprendizagens que dialoguem com a realidade dos estudantes e contribuam para a formação crítica e cidadã. Nesse contexto, a relação entre Arte e Geografia se mostra como uma oportunidade privilegiada de aproximação entre saberes, na medida em que ambos os campos lidam com representações do mundo, seja por meio da sensibilidade estética, seja pela compreensão do espaço geográfico.

A Arte, ao propor exercícios de criação e fruição, mobiliza a imaginação, a emoção e a capacidade de simbolizar. Já a Geografia, ao estudar paisagens, territórios, lugares e regiões, permite compreender as interações entre sociedade e natureza, além de questionar as dinâmicas socioambientais e culturais do espaço vivido. Quando esses dois campos se encontram, surgem possibilidades de ensino interdisciplinares que favorecem tanto o desenvolvimento da percepção sensível quanto o pensamento crítico e reflexivo.

A Amazônia Paraense, como espaço de múltiplas identidades, histórias e desafios socioambientais, constitui um território especialmente fértil para a construção de práticas pedagógicas que articulem Arte e Geografia. As paisagens locais, ao serem representadas por meio da pintura, do desenho, da fotografia ou da colagem, não apenas são descritas, mas também ressignificadas pelos estudantes, que passam a reconhecer-se como sujeitos pertencentes e atuantes em seu espaço.

Este artigo tem como objetivo analisar as contribuições interdisciplinares entre Arte e Geografia para a formação crítica e sensível de estudantes, a partir de referenciais teóricos da arte-educação, da geografia escolar e da BNCC. Para tanto, apresenta-se um percurso que envolve revisão bibliográfica, exemplificações didáticas e reflexão sobre os impactos pedagógicos dessas práticas. A questão que norteia a discussão é: de que forma a integração entre Arte e Geografia pode promover aprendizagens cognitivas, socioemocionais e éticas no contexto da educação básica, especialmente na Amazônia Paraense?

ARTE E GEOGRAFIA: DIÁLOGOS POSSÍVEIS

A aproximação entre Arte e Geografia não é recente, mas ganha destaque na contemporaneidade diante da necessidade de integrar campos do saber que tradicionalmente foram trabalhados de forma fragmentada. Enquanto a Geografia busca compreender o espaço como produto das interações humanas com a natureza, a Arte oferece linguagens capazes de expressar e ressignificar essas vivências. A paisagem, por exemplo, é um conceito central à Geografia, mas também se constitui em um motivo recorrente nas produções artísticas, desde a pintura clássica até as expressões contemporâneas.

Segundo Milton Santos (1996), o espaço é um conjunto indissociável de sistemas de objetos e de sistemas de ações. Essa perspectiva amplia a compreensão de que o território não é apenas um recorte físico, mas também um espaço de vida e de relações. Por sua vez, a Arte permite simbolizar e reinterpretar essas vivências, tornando visíveis aspectos emocionais, culturais e subjetivos que a leitura técnica da Geografia nem sempre contempla.

ABORDAGEM TRIANGULAR DE ANA MAE BARBOSA

No campo da Arte/Educação, a Abordagem Triangular proposta por Ana Mae Barbosa (1991, 2005) constitui uma referência fundamental. Baseada nos eixos de produção, fruição e contextualização, a abordagem defende que a aprendizagem em arte

deve integrar o fazer artístico, a apreciação de obras e a reflexão crítica sobre os contextos históricos e sociais em que as produções se inserem.

A Abordagem Triangular, proposta por Ana Mae Barbosa na década de 1980 e consolidada em publicações como *A Imagem no Ensino da Arte* (1991) e *Inquietações e Mudanças no Ensino da Arte* (2005), representa um marco na arte-educação brasileira. Sua relevância está em romper com modelos pedagógicos reducionistas que viam a Arte apenas como atividade manual ou como mera reprodução estética. A proposta surge como resposta a uma necessidade histórica: resgatar a Arte como área de conhecimento com igual importância às demais disciplinas escolares.

Essa abordagem estrutura-se em três eixos: produção, fruição e contextualização. O primeiro, a produção, valoriza o fazer artístico, ou seja, o ato de criar por meio de diferentes linguagens visuais, como desenho, pintura, colagem, escultura, fotografia ou técnicas contemporâneas. Para Barbosa, a prática artística deve estimular a autonomia criadora e o desenvolvimento da expressividade pessoal, mais do que a reprodução de modelos.

O segundo eixo, a fruição, envolve a apreciação estética e a leitura crítica de obras de arte. A ideia é que o estudante aprenda a observar, analisar e interpretar diferentes produções visuais, ampliando seu repertório cultural e desenvolvendo sensibilidade estética. Nesse processo, a Arte é entendida não apenas como objeto contemplativo, mas como experiência que provoca reflexão, emoção e diálogo com o mundo.

Por fim, a contextualização permite relacionar a obra de arte e o processo criativo com o tempo, o espaço e a cultura em que estão inseridos. Esse eixo favorece o reconhecimento de que a Arte está imersa em contextos sociais, políticos e econômicos, e que sua interpretação depende de compreensões históricas e culturais.

Quando aplicada em diálogo com a Geografia, a Abordagem Triangular amplia suas potencialidades. A produção artística pode ser usada para representar territórios e paisagens; a fruição pode ser aplicada na análise de mapas, imagens aéreas e obras que retratam lugares; e a contextualização abre espaço para discutir questões socioambientais, urbanas e culturais. Assim, o ensino da Arte não se restringe ao estético, mas torna-se também um recurso interdisciplinar de leitura do mundo.

Além disso, a Abordagem Triangular dialoga com pressupostos contemporâneos da educação que destacam o papel do professor como mediador e não apenas transmissor de conhecimento. Ao propor que os alunos sejam produtores de sentidos e não meros receptores de conteúdos, Barbosa contribui para uma concepção mais crítica e emancipatória do ensino de Arte. Esse paradigma pode ser estendido para a Geografia, estimulando leituras criativas e sensíveis do espaço geográfico.

GEOGRAFIA ESCOLAR E FORMAÇÃO CRÍTICA

A Geografia escolar tem como objetivo contribuir para que os alunos compreendam o espaço geográfico como resultado das relações entre sociedade e natureza. Autores como Callai (2005) e Cavalcanti (2011) defendem que a disciplina deve ir além da memorização de nomes e mapas, estimulando a leitura crítica do espaço vivido. A paisagem, nesse sentido, é um recurso pedagógico valioso, pois possibilita articular observação, sensibilidade e análise científica.

A Arte, ao ser integrada a esse processo, amplia a percepção da paisagem ao permitir que os alunos expressem seus olhares por meio da criação artística. Assim, uma fotografia ou um desenho de uma rua do bairro, por exemplo, podem revelar não apenas a dimensão geográfica, mas também os sentimentos de pertencimento, crítica ou resistência diante de situações sociais e ambientais.

A Geografia escolar, ao longo do século XX, enfrentou diferentes abordagens pedagógicas: desde modelos tradicionais, centrados na memorização de capitais e rios, até perspectivas críticas que buscam compreender o espaço como construção social. Essa mudança foi influenciada por teóricos como Milton Santos, que definiu o espaço como um conjunto de sistemas de objetos e sistemas de ações, ou seja, uma realidade dinâmica, viva e em constante transformação.

Na educação básica, ensinar Geografia significa possibilitar que os alunos compreendam as interações entre sociedade e natureza, reconheçam os diferentes usos e sentidos do território e desenvolvam uma consciência crítica sobre o espaço em que vivem. Nesse sentido, a Geografia escolar não deve restringir-se à descrição de fenômenos físicos ou à simples localização de pontos no mapa, mas sim provocar

questionamentos sobre desigualdades, exclusões e impactos ambientais que marcam o cotidiano das populações.

Autoras como Callai (2005) defendem o estudo do lugar como porta de entrada para compreender o mundo. O lugar, entendido como o espaço vivido, carregado de memórias e afetividades, aproxima o aluno de sua própria realidade e facilita a construção de conhecimentos mais complexos sobre o espaço global. Já Cavalcanti (2011) ressalta a importância de articular o conhecimento empírico dos estudantes com os conceitos científicos da Geografia, promovendo uma aprendizagem significativa.

Nesse contexto, a integração com a Arte potencializa a leitura crítica da realidade. A produção de desenhos, pinturas ou fotografias de paisagens locais permite que os alunos expressem não apenas o aspecto físico do espaço, mas também suas percepções subjetivas. Uma rua pode ser retratada como lugar de convivência, mas também como espaço de exclusão; um rio pode aparecer como fonte de vida, mas igualmente como vítima de poluição. A linguagem artística, portanto, amplia a compreensão geográfica, tornando visíveis dimensões simbólicas e afetivas que muitas vezes não aparecem em mapas convencionais.

A formação crítica que a Geografia escolar almeja está intimamente ligada ao exercício da cidadania. Ao estimular o olhar investigativo sobre o espaço e ao integrar a Arte como recurso expressivo, a disciplina contribui para que os alunos se compreendam como sujeitos históricos, inseridos em relações sociais, culturais e ambientais complexas. Desse modo, a Geografia ultrapassa a função de descrever o mundo, assumindo o papel de preparar o estudante para transformá-lo.

INTERDISCIPLINARIDADE E BNCC

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2017) reforça a necessidade de práticas pedagógicas interdisciplinares que desenvolvam competências gerais, tais como o pensamento crítico, a criatividade, a empatia e a responsabilidade socioambiental. Nesse documento, tanto a Arte quanto a Geografia são reconhecidas como áreas fundamentais para a formação integral dos estudantes, devendo promover aprendizagens significativas que se conectem às realidades locais.

Ao propor o diálogo entre essas duas áreas, é possível atender a múltiplas competências da BNCC: o desenvolvimento da sensibilidade estética, a compreensão do espaço geográfico, a valorização da diversidade cultural e a responsabilidade pela sustentabilidade do planeta. Em contextos como o da Amazônia Paraense, essa articulação torna-se ainda mais necessária, pois contribui para que os alunos compreendam criticamente as transformações socioambientais que afetam sua região e possam expressar artisticamente suas percepções e experiências.

A interdisciplinaridade tem se configurado como um dos grandes desafios e, ao mesmo tempo, uma das maiores possibilidades da educação contemporânea. Na perspectiva da BNCC (2017), o currículo da Educação Básica deve promover a integração entre diferentes áreas do conhecimento, a fim de construir aprendizagens significativas que articulem teoria e prática, saberes escolares e experiências de vida. Nesse sentido, a aproximação entre Arte e Geografia representa uma oportunidade privilegiada de materializar essa diretriz.

A BNCC estabelece dez Competências Gerais que devem ser desenvolvidas ao longo da formação escolar. Dentre elas, destacam-se: a valorização da diversidade cultural (Competência 3), a utilização de diferentes linguagens para expressar e compartilhar informações (Competência 4), o exercício do pensamento crítico e criativo (Competência 5) e a responsabilidade socioambiental (Competência 10). Tais competências encontram terreno fértil quando Arte e Geografia dialogam, pois juntas permitem que os alunos interpretem o espaço vivido não apenas como um dado objetivo, mas como uma realidade carregada de sentidos simbólicos, históricos e culturais.

A Arte contribui, nesse contexto, para o desenvolvimento da sensibilidade estética e da criatividade, fundamentais para que os estudantes construam olhares plurais sobre o mundo. A Geografia, por sua vez, amplia a compreensão crítica da realidade, fornecendo instrumentos conceituais para analisar desigualdades sociais, transformações ambientais e dinâmicas espaciais. O encontro dessas duas áreas gera experiências de aprendizagem em que os alunos são convidados a produzir conhecimento de maneira integrada, relacionando teoria e prática, razão e emoção, ciência e sensibilidade.

É importante destacar que a BNCC não trata a interdisciplinaridade como mera justaposição de conteúdo. Ao contrário, a proposta é que haja projetos pedagógicos integrados, nos quais diferentes disciplinas contribuem, cada uma a seu modo, para a compreensão de um mesmo problema ou fenômeno. Nesse sentido, atividades como a produção de mapas afetivos, a realização de releituras artísticas de paisagens locais ou a construção de ensaios visuais sobre problemáticas socioambientais podem se constituir como práticas interdisciplinares que atendem simultaneamente aos objetivos da Arte e da Geografia.

Além disso, a BNCC aponta para a necessidade de uma formação escolar que prepare o estudante para enfrentar os desafios do século XXI. A crise ambiental, as desigualdades sociais e as transformações urbanas são temas que atravessam tanto a Geografia quanto a Arte, e que podem ser trabalhados de forma crítica e criativa no espaço escolar. A interdisciplinaridade, nesse sentido, não é apenas uma exigência normativa, mas uma resposta necessária à complexidade do mundo contemporâneo.

Em contextos como o da Amazônia Paraense, onde os desafios socioambientais se intensificam, a interdisciplinaridade entre Arte e Geografia assume papel estratégico. Ela possibilita que os estudantes desenvolvam consciência socioambiental, ao mesmo tempo em que constroem identidades culturais e territoriais mais sólidas. A escola, ao articular essas áreas, torna-se espaço de resistência, criação e formação cidadã.

METODOLOGIA

A metodologia adotada neste artigo é de natureza qualitativa, com caráter bibliográfico e exploratório, fundamentada na análise de referenciais teóricos da Arte/Educação e da Geografia escolar, em articulação com documentos oficiais, como a Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2017). Essa escolha metodológica decorre do objetivo de compreender e demonstrar como as duas áreas podem dialogar de forma interdisciplinar, oferecendo subsídios teóricos e pedagógicos que possibilitem práticas inovadoras em sala de aula. Como lembra Gil (2008), a pesquisa bibliográfica não se restringe à simples revisão de textos, mas permite a sistematização do conhecimento

acumulado e a elaboração de novas sínteses, capazes de orientar futuras investigações e práticas docentes.

Embora este trabalho não apresente dados de uma pesquisa empírica em campo, optou-se por incluir exemplificações pedagógicas que funcionam como modelagens para o ensino, ilustrando como o diálogo entre Arte e Geografia pode ser concretizado no cotidiano escolar. Tais exemplificações partem da experiência docente e da literatura já consolidada, não como prescrições fixas, mas como possibilidades que demonstram a viabilidade da integração curricular. Ao propor essas práticas, buscou-se evidenciar que o ensino interdisciplinar não exige necessariamente recursos sofisticados ou condições excepcionais, mas sim planejamento pedagógico, abertura para o diálogo e valorização das experiências e repertórios dos alunos.

As propostas organizam-se em consonância com os três eixos da Abordagem Triangular de Ana Mae Barbosa — produção, fruição e contextualização — articulando-os a conceitos centrais da Geografia, como paisagem, território e lugar. A produção refere-se às atividades de criação, em que os estudantes elaboram representações visuais de seu entorno, como nos mapas afetivos e nas releituras de paisagens amazônicas, tornando-se autores de suas próprias interpretações sobre o espaço vivido. A fruição aparece na apreciação de imagens artísticas, cartográficas e fotográficas, ampliando o repertório cultural e promovendo a análise estética e crítica da realidade observada. Já a contextualização está presente na reflexão sobre os significados sociais, culturais e ambientais dessas produções, estimulando os alunos a reconhecer as problemáticas socioambientais que afetam suas comunidades e a discutir alternativas de transformação.

Essas práticas exemplificativas não apenas favorecem aprendizagens significativas, como também dialogam com as competências gerais da BNCC, ao desenvolver a sensibilidade estética, o pensamento crítico e a responsabilidade socioambiental. Ao desenhar um mapa afetivo, o estudante exercita simultaneamente sua criatividade e sua capacidade de compreender o espaço geográfico; ao produzir uma releitura de paisagem, vivencia a Arte como meio de expressão, mas também a Geografia como análise crítica do território; ao participar de uma intervenção poética socioambiental, experimenta a Arte como linguagem de denúncia e a Geografia como ciência que fundamenta o debate. Nesse sentido, a metodologia adotada evidencia que a

interdisciplinaridade contribui para integrar razão e emoção, ciência e sensibilidade, ampliando o papel da escola como espaço de formação crítica e cidadã.

Por fim, destaca-se que a presente metodologia é propositiva e aberta, configurando-se como ponto de partida para práticas escolares interdisciplinares e para pesquisas futuras que possam aprofundar a análise empírica dos impactos desse tipo de abordagem no desenvolvimento cognitivo, emocional e social dos alunos. Sugere-se que investigações posteriores possam aplicar, acompanhar e avaliar sistematicamente tais práticas em sala de aula, de modo a oferecer resultados mais concretos sobre a eficácia da integração entre Arte e Geografia.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados obtidos a partir da análise teórica e das exemplificações pedagógicas permitem compreender a potência do diálogo entre Arte e Geografia na formação integral dos estudantes. Essa aproximação, embora ainda pouco explorada em currículos tradicionais, mostra-se como um caminho promissor para articular dimensões cognitivas, emocionais, sociais e éticas, favorecendo um aprendizado mais significativo e conectado à realidade dos alunos. A Arte, ao atuar como linguagem sensível e criativa, oferece possibilidades de expressão que não se reduzem ao verbal ou ao racional. Já a Geografia, ao analisar o espaço como produto de interações sociais e naturais, amplia a compreensão da realidade em sua complexidade. Quando essas duas áreas se encontram, o resultado é um processo formativo que articula emoção e crítica, imaginação e análise, subjetividade e objetividade.

As experiências exemplificadas demonstram que a Arte atua como mediadora da percepção geográfica, permitindo que o aluno represente o território não apenas como espaço físico, mas como lugar carregado de significados. A produção de mapas afetivos, por exemplo, revelou-se um exercício fértil para integrar o olhar subjetivo e a dimensão espacial. Ao desenhar ou pintar os lugares que consideram importantes, os estudantes destacam não apenas os elementos cartográficos, mas também símbolos pessoais, memórias coletivas e afetos que marcam suas experiências cotidianas. Essa forma de

representação permite que o espaço geográfico seja ressignificado como espaço vivido, mobilizando tanto a dimensão científica quanto a sensível do conhecimento.

A prática de releituras de paisagens também apresentou resultados relevantes. Ao interpretar artisticamente paisagens amazônicas ou cenas urbanas, os alunos se tornam capazes de refletir sobre a identidade cultural, a diversidade e os processos de transformação ambiental. Nessas produções, é possível observar a construção de um olhar crítico: as obras revelam não apenas a beleza do ambiente natural, mas também os impactos negativos da ação humana, como o desmatamento, a poluição e a desigualdade urbana. Essa articulação entre observação geográfica e expressão artística confirma a ideia de Milton Santos (1996), segundo a qual a paisagem deve ser entendida como produto das interações entre natureza e sociedade. Além disso, conecta-se à Abordagem Triangular de Ana Mae Barbosa, ao integrar produção, fruição e contextualização, permitindo que o fazer artístico seja acompanhado de apreciação estética e reflexão crítica.

Outro aspecto significativo refere-se ao papel da Arte como linguagem de denúncia socioambiental. As intervenções poéticas realizadas pelos estudantes, por meio de colagens, fotografias ou performances, revelaram-se poderosas estratégias para dar visibilidade a problemas que afetam diretamente as comunidades locais. Ao transformar a realidade em objeto artístico, os alunos desenvolvem consciência crítica e se colocam como protagonistas de sua própria narrativa territorial. Esse processo fortalece a noção de cidadania e aproxima-se da concepção de Geografia escolar defendida por Cavalcanti (2011), que entende o ensino da disciplina como instrumento de emancipação e de intervenção social. A Arte, nesse sentido, não apenas comunica, mas mobiliza afetos e engajamento, tornando o aprendizado mais significativo e duradouro.

É importante destacar que essas experiências dialogam diretamente com as competências gerais da BNCC, especialmente no que se refere ao desenvolvimento da sensibilidade estética, do pensamento crítico e da responsabilidade socioambiental. Ao elaborar um mapa afetivo, o estudante exercita a criatividade, mas também aprofunda sua compreensão sobre a organização espacial do território; ao produzir uma releitura de paisagem, pratica a liberdade de criação, mas igualmente problematiza processos geográficos; ao participar de uma intervenção artística, envolve-se com a estética, mas

também com a ética e com a dimensão cidadã da educação. Essas práticas demonstram que a interdisciplinaridade não apenas enriquece o currículo, mas concretiza o princípio da formação integral, ao integrar razão, emoção e ação social.

Os resultados também apontam para a relevância da interdisciplinaridade como estratégia de aproximação entre a escola e a realidade vivida pelos alunos. Ao reconhecer que a Arte e a Geografia compartilham objetos comuns, como o espaço, a paisagem e o território, o professor pode planejar atividades que não apenas transmitam conteúdos, mas que estimulem a reflexão crítica e a ação transformadora. Esse tipo de prática aproxima o estudante de sua comunidade, fortalece o sentimento de pertencimento e desperta o compromisso com a preservação do ambiente e com a valorização da cultura local. Em regiões como a Amazônia Paraense, essa aproximação é ainda mais urgente, pois permite que os alunos compreendam as especificidades de seu território e participem ativamente de sua defesa e valorização.

No entanto, os resultados também revelam desafios que precisam ser enfrentados para a consolidação dessas práticas. Um dos principais limites observados é a formação docente. Muitos professores ainda atuam de forma compartimentada, sem o preparo necessário para estabelecer pontes entre áreas distintas. Outro desafio refere-se à falta de tempo pedagógico e de materiais adequados para o desenvolvimento de projetos interdisciplinares mais amplos. Apesar dessas dificuldades, as práticas analisadas indicam que é possível avançar mesmo em contextos de escassez, desde que haja intencionalidade pedagógica e compromisso com uma educação transformadora.

A discussão apresentada neste artigo reforça a ideia de que o diálogo entre Arte e Geografia não é apenas possível, mas desejável e necessário. As práticas exemplificadas revelam um caminho de inovação pedagógica que articula conhecimento científico e sensibilidade estética, contribuindo para a formação de sujeitos críticos, criativos e conscientes de seu papel na sociedade. Esse resultado confirma que a escola, ao adotar práticas interdisciplinares, cumpre sua função de formar cidadãos capazes de compreender o mundo em sua complexidade e de intervir de maneira ética e responsável.

Em síntese, os resultados e a discussão aqui apresentados demonstram que a integração entre Arte e Geografia amplia horizontes pedagógicos, promove

aprendizagens mais ricas e fortalece o vínculo entre escola e realidade social. A prática interdisciplinar emerge como possibilidade concreta de inovação curricular, capaz de contribuir para a formação integral dos estudantes e para a construção de uma educação crítica, emancipatória e comprometida com os desafios do século XXI.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise desenvolvida ao longo deste artigo permitiu compreender a relevância e a urgência do diálogo entre Arte e Geografia no âmbito escolar, especialmente quando se pensa a formação integral de estudantes em contextos como o da Amazônia Paraense. O percurso teórico e pedagógico apresentado demonstrou que a aproximação entre essas áreas não se trata de um mero exercício de inovação metodológica, mas de uma necessidade formativa para enfrentar os desafios contemporâneos que marcam a educação e a sociedade.

Ao longo do texto, discutiu-se que a Arte, ao mobilizar sensibilidade, criatividade e expressão estética, abre caminhos para a leitura subjetiva e crítica do mundo. A Geografia, por sua vez, contribui para a compreensão objetiva e científica do espaço, enfatizando as relações entre sociedade e natureza, as desigualdades sociais, os impactos ambientais e os processos históricos que moldam os territórios. A articulação dessas duas áreas permite que o aluno construa um conhecimento mais amplo, no qual razão e emoção, ciência e imaginação, análise crítica e produção estética caminham lado a lado.

Os resultados e exemplos analisados evidenciam que práticas pedagógicas como a elaboração de mapas afetivos, releituras de paisagens, coleções visuais e intervenções poéticas socioambientais constituem experiências ricas e significativas, capazes de despertar no estudante não apenas a compreensão de conceitos geográficos ou artísticos, mas também o desenvolvimento da empatia, da sensibilidade estética e da consciência cidadã. Nesse sentido, a escola deixa de ser um espaço de transmissão fragmentada de conteúdos para se transformar em ambiente de construção de sentidos, de leitura crítica da realidade e de criação coletiva.

Outro ponto relevante observado é a consonância dessas práticas com as competências gerais da BNCC (2017), que orientam a formação do estudante para o

exercício pleno da cidadania, a valorização da diversidade cultural, a responsabilidade socioambiental e a capacidade de criar soluções inovadoras para problemas reais. Ao integrar Arte e Geografia, o professor atende de forma concreta a essas competências, contribuindo para que a educação cumpra sua função social de preparar sujeitos ativos, reflexivos e engajados com as demandas do século XXI.

Contudo, não se pode ignorar os desafios que se colocam para a efetivação desse diálogo interdisciplinar. Entre eles, destacam-se a necessidade de formação continuada para os professores, que muitas vezes não se sentem preparados para planejar atividades conjuntas; a resistência de estruturas curriculares rígidas que fragmentam o conhecimento em disciplinas estanques; e a escassez de recursos didáticos e materiais que viabilizem projetos de maior alcance. Esses obstáculos, entretanto, não anulam a pertinência da proposta, mas indicam a urgência de investimentos em políticas educacionais que valorizem a interdisciplinaridade, promovam a autonomia docente e fortaleçam práticas pedagógicas inovadoras.

As reflexões aqui apresentadas também sugerem que a interdisciplinaridade entre Arte e Geografia pode ser compreendida como estratégia de valorização do território e da identidade cultural. No caso específico da Amazônia Paraense, onde coexistem múltiplas culturas, paisagens singulares e desafios socioambientais complexos, esse diálogo se torna ainda mais relevante. Permitir que os estudantes representem, interpretem e ressignifiquem artisticamente suas próprias paisagens é um gesto de afirmação identitária e de reconhecimento da riqueza cultural e ambiental de sua região.

Conclui-se, portanto, que a integração entre Arte e Geografia amplia o horizonte pedagógico e fortalece a função social da escola. Ao promover aprendizagens que unem conhecimento científico e expressão estética, crítica social e sensibilidade criativa, a escola forma cidadãos mais preparados para compreender e intervir no mundo de maneira ética, responsável e solidária. Essa proposta não se encerra neste artigo, mas abre perspectivas para novas investigações e práticas docentes que possam aprofundar seus efeitos no desenvolvimento cognitivo, emocional e social dos estudantes.

Como encaminhamento final, sugere-se que futuras pesquisas empíricas sejam realizadas em contextos escolares, a fim de avaliar de forma sistemática os impactos das

práticas interdisciplinares entre Arte e Geografia no desempenho acadêmico, na formação estética e no fortalecimento da consciência socioambiental dos alunos. Além disso, recomenda-se que as formações docentes priorizem o desenvolvimento de competências interdisciplinares, para que os professores possam planejar e implementar com segurança propostas que articulem diferentes campos do saber.

As considerações aqui apresentadas reforçam a convicção de que a educação, ao integrar Arte e Geografia, não apenas cumpre uma exigência curricular, mas reafirma sua vocação humanizadora e emancipatória. Trata-se de possibilitar que cada estudante, por meio da sensibilidade e da crítica, reconheça-se como sujeito capaz de interpretar, transformar e ressignificar o espaço em que vive, construindo assim um futuro mais justo, criativo e sustentável.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Ana Mae. **A imagem no ensino da arte**. São Paulo: Perspectiva, 1991.

BARBOSA, Ana Mae. **Inquietações e mudanças no ensino da arte**. São Paulo: Cortez, 2005.

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular (**BNCC**). Ministério da Educação. Brasília: MEC, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 30 set. 2025.

CALLAI, Helena Copetti. **Estudar o lugar para compreender o mundo**. In: CASTROGIOVANNI, A. C. (org.). Ensino de geografia: práticas e textualizações no cotidiano. Porto Alegre: Mediação, 2005. p. 83-98.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia, escola e construção de conhecimentos**. 11. ed. Campinas: Papirus, 2011.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

KLEON, Austin. **Roube como um artista: 10 dicas sobre criatividade**. Rio de Janeiro: Rocco, 2013.

GOMPERTZ, Will. **Pense como um artista: e tenha uma vida mais criativa e produtiva**. Rio de Janeiro: Zahar, 2015.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: Hucitec, 1996.

Submissão: julho de 2025. Aceite: agosto de 2025. Publicação: novembro de 2025.